

Embaixada da Liberdade Vianinha:

Balanço preliminar do trabalho de acolhimento e atendimento a crianças e adolescentes usuários de substâncias psicoativas, especialmente o crack, que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Carlos Augusto de Araujo Jorge¹

A questão do uso abusivo do *crack* por crianças e adolescentes na cidade do Rio de Janeiro assumiu tamanha proporção que podemos considerar que vivemos uma espécie nova de epidemia. A cada dia nos defrontamos com fatos surpreendentes, e o problema se agrava tanto na sua dimensão quantitativa quanto na sua dimensão qualitativa. Um novo fenômeno que constatamos são crianças e/ou adolescentes que, embora mantenham íntegros os laços familiares e comunitários, estão sendo expulsos de suas comunidades pelo tráfico ou pela milícia, assumindo, assim, uma postura de refugiados em seus próprios territórios.

O poder público e a sociedade têm procurado enfrentar essa problemática, mas acreditamos que é necessário que novas maneiras de enfrentamento sejam criadas, já que as formas existentes têm se mostrado pouco eficazes.

A **Embaixada da Liberdade Vianinha** é uma iniciativa de acolhimento colocada em prática pela Secretaria Municipal de Assistência Social. Ela funciona em um equipamento da prefeitura situado entre Manguinhos e o Jacarezinho, próximo à região conhecida como “crackolândia” – um dos lugares da cidade onde se vende e se usa *crack*.

Essa iniciativa de acolhimento aos usuários do *crack* tem como fundamento o

princípio da liberdade, da aceitação do outro e do respeito ao momento vivido. Com ela a Secretaria de Assistência Social buscou a construção de uma nova forma de interação que seja capaz de permitir a possibilidade de um tratamento realmente eficaz. Apesar de o trabalho ainda estar iniciando, os primeiros resultados apontam para horizontes bastante promissores.

Após um mês de funcionamento, já foram atendidas na Embaixada 78 pessoas, que estiveram com a equipe mais de uma vez - em alguns casos a frequência das crianças e dos jovens foi diária. No total foram realizados até agora aproximadamente 256 atendimentos.

Antes do início dos atendimentos a equipe de trabalho passou por um processo de capacitação, cujo objetivo era consolidar uma filosofia comum de atendimento. Era preciso ficar claro para todos que aquilo que estava sendo instalado era uma experiência absolutamente nova, pioneira e necessária, porque, até então, muito pouco vinha sendo oferecido aos usuários do *crack*. Era preciso também que toda equipe estivesse disposta a rever conceitos e, principalmente, a dar ao outro, o usuário, a condição de ser ele mesmo.

Para o sucesso dessa iniciativa era fundamental o estabelecimento de relações e interações intersubjetivas, em que a liberdade fosse o eixo principal. Onde a liberdade não fosse confundida com risco ou descontrole.

¹ Médico psiquiatra, Subsecretário Municipal de Assistência Social da cidade do Rio de Janeiro.

Carlos Augusto de Araujo Jorge

O profissional precisava reconhecer que aquelas crianças e adolescentes, independentemente das experiências vividas, das agressões sofridas, e principalmente das defesas por eles estruturadas no sentido de garantir a sobrevivência, eram, antes de qualquer coisa, pessoas em fase de desenvolvimento.

A equipe também precisava estar bastante afinada no sentido de dar acolhimento aos colegas de trabalho quando isso fosse necessário. As relações precisavam ser horizontalizadas. A liberdade que o trabalho buscava tinha como um de seus pressupostos a democracia intraequipe, que é irmã gêmea da responsabilidade.

Na nova metodologia de trabalho, duas equipes estavam envolvidas na abordagem dos jovens: as equipes regulares de atendimento responsáveis por aquela área e as equipes vinculadas à Embaixada. A união das equipes na abordagem foi considerada fundamental em função da importância desse momento para o sucesso da iniciativa.

A etapa inicial do atendimento foi uma vista exploratória na região da “crackolândia”, que ficava a alguns metros do prédio. Já nesse primeiro contato algumas crianças e adolescentes aceitaram o convite da equipe para participar das atividades, e com ela se dirigiram à Embaixada.

A percepção de que estavam vivendo uma nova experiência foi imediata. Os jovens estranharam a forma como foram acolhidos e o espaço que os acolheu, sobretudo, porque as portas permaneceram abertas. Também foram surpreendidos pelo fato de que em uma grande sala, sentados em volta da mesa, outros membros da Secretaria os esperavam para o café da manhã. Uns, de pronto, aceitaram o convite do café e sentaram-se à mesa. Alguns, um pouco mais ariscos, ficaram afastados até se sentirem confiantes. Outro diferencial fundamental é

que os jovens, na medida das possibilidades, puderam se movimentar e expressar livremente. Suas atitudes foram respeitadas porque o estabelecimento do respeito e da confiança mútua é que determinariam o êxito ou fracasso da empreitada.

Nos dias que se seguiram, já estava claro para todos que a Embaixada estava cumprindo seus objetivos, porque alguns jovens começaram a esperar pela equipe de atendimento antes mesmo de o trabalho começar. O grupo que aderiu à iniciativa passou a chegar na **Embaixada** por volta das seis, sete horas da manhã, e permanecia, por vontade própria, durante todo o dia.

Os resultados do trabalho feito até agora podem ser avaliados pelas atitudes das crianças e adolescentes. Em uma ocasião, por exemplo, um adolescente de 16 anos foi até a Embaixada, tomou café, mas ao ser convidado para descansar com os outros no andar de cima, não aceitou o convite e se dirigiu até a porta. Ele saiu e se deitou na calçada para dormir. O jovem dormiu por seis horas. Acordou, voltou a entrar no prédio e pediu para frequentar em outros dias. Para esse menino ali era mais seguro, por isso ele não foi dormir na “crackolândia” nem no andar de cima.

Em outra ocasião, a Embaixada recebeu uma visita oficial. Um dos membros da Secretaria se dirigiu a um garoto muito franzino e pediu que ele lhe apresentasse o espaço. O rapaz de imediato assumiu uma postura de quem conhece e domina o ambiente e mostrou aposento por aposento para o visitante. Esse garoto era um “velho conhecido” dos profissionais da Secretaria, tendo passado por diversos serviços da sua rede de proteção. Os efeitos da nova forma de atendimento nele foram tão profundos que, dias depois da visita, o jovem pediu para ir para a casa de sua mãe, que residia em Parada de Lucas. A mãe do menino ficou muito feliz com

Embaixada da Liberdade Vianinha: balanço preliminar do trabalho de acolhimento...

a solicitação do filho e eles encontram-se juntos até a presente data.

Outros indicadores dos efeitos do trabalho podem ser percebidos em falas do tipo: “Aqui a gente não está preso”; ou então: “Enquanto estou aqui não fumo crack, nem tenho que sair pra arranjar algum”. A aceitação da Embaixada também fica explícita em frases como: “Eu gostaria de poder dormir aqui”. O fato de não se sentirem presos afastou o “fantasma” da evasão.

Até agora passaram pela Embaixada da Liberdade crianças, adolescentes e até adultos, na sua maioria, magros e desnutridos, cuja compleição física não corresponde à idade.

Alguns pediram abrigo, outros retornaram às suas residências. A grande maioria fez da Embaixada sua referência, mas alguns permanecem “errantes” (hora desejam estar na Embaixada, hora não).

A experiência ensina que esse tipo de trabalho, invariavelmente, implica em reveses e frustrações, mas as próprias crianças e adolescentes atendidos estão sinalizando que o caminho escolhido é um bom caminho. Mas, como disse o poeta, é caminhando que os caminhos são construídos, por isso a tarefa hoje é continuar. Agora o empenho da Secretaria é em atender à demanda dos usuários, e a Embaixada da Liberdade Vianinha está se preparando para se tornar acessível todo o tempo.